

RESUMO/ ABSTRACT

LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UM COMPROMISSO SOCIAL

O presente trabalho pretende contextualizar Lygia Bojunga Nunes no seu tempo e no seu espaço literário, numa época política em que o Brasil vivia na ditadura militar, na qual a escritora empenhava-se na luta ideológica. Este artigo tem por objetivo refletir sobre um dos temas importantes de uma de suas narrativas, *A bolsa amarela*, que trata dos problemas existentes nas relações humanas e que faculta uma crítica contundente à realidade social.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil; compromisso social.

LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UM COMPROMISSO SOCIAL

The present work aims to contextualize Lygia Bojunga Nunes in her time and literary space, in a political time when Brazil was living in a military dictatorship, in which the writer was doing her utmost in the ideological struggle. This article intends to analyse one of the important themes of her narratives, *The yellow purse*, that deals with the existent problems in human relations and which allows a cutting criticism to the social reality.

Keywords: children's and teenagers literature; social promise.

LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UM COMPROMISSO SOCIAL

Sirlene Cristófano

Mestranda em Literatura, Cultura e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP. Porto, Portugal
sirlene.cristofano@gmail.com

Introdução

Ao falarmos da relação entre literatura e sociedade – questão importante na tradição da crítica literária brasileira –, não podemos deixar de destacar a fundamental responsabilidade que essa relação exerce na organização da formação ideológica de uma sociedade. Podemos, assim, pensar na literatura como um compromisso social.

A escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes, ao pensar na literatura como uma possibilidade de contribuir para a formação ideológica do povo brasileiro, utiliza as suas obras infanto-juvenis como um compromisso social, ao denunciar e favorecer reflexões sobre várias questões: preconceito contra a mulher e contra a criança, indiferença social, entre outras.

Para tal, a escritora constrói as suas narrativas utilizando a infância como tema principal. Para além disto, as suas obras são caracterizadas por uma marcante infração dos limites entre realidade e fantasia, o que poderá proporcionar à criança um caminho para a maturidade e para a busca da sua identidade, conforme refere Jacqueline Held: “dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da realidade real-imaginário” (HELD, 1980, p. 53).

E, assim, pelo motivo de viver num continente conhecido pelos seus contos fantásticos e realismo mágico, eternizou estes valores, o que a tornou uma excelente representante da literatura infanto-

juvenil. Nas suas narrativas, repletas de agradáveis fantasias, que têm por fundamento elementos tomados do real, a autora debate os problemas sociais resultantes da ideologia dominante: a ditadura militar. No entanto, Lygia Bojunga não deixava de se preocupar com a função lúdica.

Lygia Bojunga: uma crítica lúdica e abordagem a realidade social

A autora destaca-se na área da literatura infanto-juvenil, que, como está implícito, é dedicada aos jovens pré-adolescentes e adolescentes. Tendo tido uma boa recepção tanto pelos leitores juvenis, quanto pela crítica, Lygia Bojunga será aclamada como uma das mais representativas autoras da literatura infanto-juvenil e os seus livros sempre foram objetos de destaque no Brasil. Vejamos algumas críticas à escritora:

Lygia Bojunga é uma autora maior em nossa literatura infanto-juvenil. Seus livros sempre se destacaram no cenário nacional (ABRAMOVICH, *Folha de São Paulo*);

há muito tempo Lygia Bojunga vem rompendo o limite entre literatura infanto-juvenil e literatura tout-court. Quem não percebeu isso está perdendo contato com uma das grandes artistas da palavra (MACHADO, *Jornal Rios Artes*);

se há alguém na nossa literatura infanto-juvenil que dispensa apresentação, esse alguém é Lygia Bojunga, sem favor a mais alta expressão no gênero no Brasil (BELINKY, *Estado de São Paulo*).

Seus 14 livros, publicados entre 1972 a 1996, receberam prêmios e referências, estando traduzidos em francês, alemão, espanhol, norueguês, sueco, hebraico, italiano, búlgaro, tcheco e islandês. A autora teve livros publicados em 20 idiomas.

A ela se devem obras como: *Os colegas* (1972); *Angélica* (1975); *A bolsa amarela* (1976); *A casa da madrinha* (1978); *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980); *O meu amigo pintor* (1987); *Tchau* (1984); *Nós três* (1987); *Livro, um encontro com Lygia Bojunga* (1988); *Fazendo Ana Paz* (1991); *Paisagem* (1992); *Seis vezes Lucas* (1995); *O abraço* (1995); *Feito à mão* (1996); *A cama* (1999); *O Rio e eu* (1999); *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de inglês* (2006); *Sapato de salto* (2006); *Dos vinte 1* (2007).

Recebeu vários prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti, em 1973. O IBBY (International Board on Books for Young People) conferiu-lhe, em 1982, o Prêmio Christian Andersen, sendo Lygia Bojunga, a primeira escritora fora do eixo Europa-EUA, a ganhar um dos maiores prêmios da literatura infanto-juvenil. Este é considerado um prêmio “nobel” da literatura infanto-juvenil. Em 1986, ganhou o Prêmio da Literatura Rattenfanger. Outro grande prêmio foi o ALMA (Astrid Lindren Memorial

Award), em 2004, o maior prêmio internacional nunca atribuído antes na literatura para o público juvenil. Quando Lygia Bojunga foi eleita para receber a medalha, a apreciação dos diversos jurados e as críticas internacionais do prêmio Andersen foram narradas no Jornal do Brasil num artigo de Ana Maria Machado (2004), na época, membro do júri, que o caracteriza como sendo um dos autores mais originais que já tivemos a oportunidade de ler.

Após o prêmio Andersen, a obra de Lygia espalhou-se pelo mundo e a autora tem livros publicados em 20 idiomas.

Além do dom da narrativa escrita, a escritora também apresenta o dom da narrativa oral e costuma apresentar-se em público com monólogos dramáticos.

Bojunga adaptou alguns dos seus textos de ficção para teatro, como, por exemplo, em 1989, a peça teatral *O pintor*, baseada no seu livro *O meu amigo pintor*; e outra peça em 1989, denominada *Nós três*, baseada no livro de mesmo título.

Nas narrativas orais, a tônica está muitas vezes na própria narrativa, que utiliza tons poéticos e humorísticos, e na sensação de liberdade que brota através do “maravilhoso e do fantástico”, mundo onde tudo é possível. A maneira como Lygia Bojunga Nunes deixa as cores exprimirem emoções contribui fortemente para a sensacional beleza das suas narrativas.

Com ênfase marcante, a escritora demonstra no seu livro *O meu amigo pintor* (1978) como um menino tenta superar a sua tristeza com a ajuda das cores e de um relógio – objeto maravilhoso que ao tocar as horas, fica amarelo, cor preferida de Lygia Bojunga e que está relacionada com a alegria da vida. Este tema será um dos seus preferidos desde *Os colegas* (1972), sua primeira obra. Em *Os colegas*, a escritora cria um dos seus grupos mais famosos de personagens: seres abandonados, vivendo à margem da vida, mas que uma vez reunidos por acaso, descobrem a amizade, a solidariedade e uma intensa alegria de viver. No livro *Angélica* (1975), a autora insere num dos capítulos uma peça completa de teatro e que, a exemplo de alguns dos seus livros anteriores, foi alvo de importantes prêmios.

Em *A bolsa amarela*, o terceiro livro da autora, publicado em 1976, encontramos o ilusório sempre existente nas suas narrativas, e que aqui atinge perfeitamente o equilíbrio ideal entre a liberdade e as limitações do real. Já em *A casa da madrinha* (1978), considerada a mais bela de suas narrativas, Bojunga atravessa o realismo cotidiano e a fantasia, manifestando a difícil realidade da sobrevivência na cidade grande, deixando um espaço para a imaginação e para o sonho. Essa narrativa de Bojunga revela-se como uma bela metáfora da busca da luta do ser humano para conquistar uma vida melhor graças à fantasia. Em *Corda bamba* (1979), a escritora concebe a sua narrativa numa linha psicológica abordando a morte e os seus estigmas. Nessa narrativa, com um humor inovador, conduz a criança leitora a viver com a perda, através de intensos diálogos entre o consciente e a realidade.

No *O sofá estampado* (1980), com o recurso a personagens pitorescas e ao humor e criatividade, Lygia Bojunga faz uma crítica social narrando a paixão de um tatu por uma gata angorá. Já em *Nós três* (1987), a autora narra uma paixão trágica.

Por vezes, a escritora escolhe permanecer na realidade e, através do seu olhar psicológico tocante, debruça-se sobre temas que abordam problemáticas como as relações humanas: em *Seis vezes Lucas* (1995), assim como também em *Tchau* (1984), refere a deslealdade e os conflitos matrimoniais, ao explorar a ação dos adultos, utilizando, assim, a sua grande aptidão para definir e representar as tristezas da alma em histórias fáceis de compreender.

As três obras de Bojunga, conhecidas como “trilogia do livro”: retratam a sua essência literária, pois em *Livro: um encontro com Bojunga* (1988) transmite-nos, de um modo criativo, os seus sentimentos mais íntimos e o seu relacionamento com a leitura; em *Fazendo Ana Paz* (1991) recria a sua história de vida através das memórias extraídas de fotografias e álbuns antigos, recuperando um passado que a escritora necessita resgatar; e em *Paisagem* (1992), a autora entrelaça os dois momentos do processo da escrita: o da criação e o da (re) criação.

Também noutra narrativa, *Feito à mão* (1996), Lygia Bojunga revela-nos muitos aspectos ligados ao trabalho da escrita. Aqui a narrativa mostra como Lygia Bojunga se denomina uma artesã e o motivo pelo qual, mesmo sendo uma apaixonada pela cidade do Rio de Janeiro, passa uma boa parte da sua vida em Londres. Em *A cama* (1999), ela criará várias personagens cujos destinos se cruzam na disputa de uma cama, o objeto que passa a ser a personagem principal da narrativa e único bem material que restou a uma família, não mais abastada, gerando assim, muitos conflitos, ora num tom cômico, ora num tom dramático.

Na obra *O Rio e eu* (1999), a autora faz do Rio de Janeiro uma das personagens e transmite-nos o seu perfeito domínio da paixão que até hoje tem pela Cidade Maravilhosa.

Com a abundância de metáforas, bem como com o seu perfeito domínio da técnica na construção da narrativa e a excelente união do individual e social, a autora inventa um novo “exemplo” na literatura infanto-juvenil. Os livros inovam na crítica lúdica e abordam a realidade social, com o intuito de mostrar ao leitor que a vida não está pré-ordenada.

O realismo mágico e a psicologia reúnem-se numa obsessão pelo social e pela democracia. A escritora, que iniciou a sua atividade quando ainda no Brasil vigorava a ditadura, foi uma ativista da resistência. Esta luta surge depois transposta para o domínio da literatura infantil, já que, segundo a escritora, os generais não liam livros destinados a crianças e adolescentes. Nestas narrativas, encontramos personagens maravilhosas que se insurgem contra a desigualdade entre os sexos e também contra a diferença social. Porém, Lygia Bojunga nunca utiliza um discurso de admoestação, já que o

importante é a tomada de consciência e esta sempre feita de uma maneira “maravilhosamente” bem-humorada.

Para a autora, o dia-a-dia, o cotidiano encontra-se repleto de encantamento de bom humor: onde despertam os desejos tão intensos que não são possíveis sustentá-los, onde personagens como alfinetes e guarda-chuvas dialogam tão convincentemente como os peões e as bolas, onde animais e objetos vivem vidas tão diversificadas e vulneráveis como as das pessoas.

Imperceptivelmente, o lado definido e preciso da realidade transforma-se num mundo imaginário através do mundo do real. E no interior da fantasia, que é o mundo da escrita, está a criança, muitas vezes só, sentindo-se abandonada, sempre emotiva, e cheia de fantasias.

Tal como Hans Christian Andersen, com quem Bojunga se assemelha particularmente, combinam-se com competência a linha do humor e a do sério. Em *Retratos de Carolina* (2002), uma das suas mais recentes obras, domina o sério.

Desta maneira, a escritora ultrapassa as fronteiras da literatura infanto-juvenil, ao dar lugar a si própria e também às personagens por ela criadas dentro de uma só casa, “uma casa que eu inventei”, conforme é anunciado no prefácio e texto final do livro.

O mesmo sucede em 2006, quando Lygia Bojunga lança dois novos títulos: *Aula de inglês* e *Sapato de salto*, narrativas que retratam conflitos sexuais, amorosos e familiares, temas estes que dificultam a vida dos adolescentes e dos adultos.

A mais recente obra desta autora, *Dos vinte 1* (2007), é publicada pela editora Casa Lygia Bojunga e reúne as mais famosas personagens fantásticas de seus 20 livros. Aos leitores é dada, assim, a possibilidade de aproximarem ainda mais do imaginário efêmero dessa incomparável criadora.

A sua obra sempre plena de particularidades e sobretudo rica em imagens simbólicas e personagens fantásticas, torna possíveis novas interpretações, de acordo com a perspectiva e as necessidades de cada leitor, e evidencia, assim, a concepção inovadora de Lygia Bojunga Nunes.

A bolsa amarela: a construção de um mundo mais coerente e racional

Entre os autores contemporâneos que escrevem para crianças e jovens, a escritora Lygia Bojunga destaca-se por confirmar em toda a sua obra uma certa peculiaridade literária. Tal qual as autoras Lygia Fagundes Telles, Cecília Meirelles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, entre outras contemporâneas femininas, Lygia Bojunga Nunes encontra-se intensamente ligada à libertação da mulher. Em relação a isso, vamos encontrar suas mensagens inclusive nos livros infanto-juvenis.

Nos livros escritos por Bojunga, os assuntos sugestivamente nos remetem para o universo feminino. Deste modo, as suas narrativas enchem-se de fantasias com a finalidade de discutir comporta-

mentos sociais, frutos de convicções dominadoras. A este respeito, recordemos as palavras de Lúcia Cadermartori:

o mundo ficcional de Lygia Bojunga se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social. Propiciando ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco nas vivências da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional (CADEMARTORI, 2006, p. 64).

A finalidade de Lygia Bojunga discutir em suas narrativas tais comportamentos sociais é a de proporcionar ao leitor “o conhecimento do mundo” e também o “conhecimento do seu próprio ser”. Podemos dizer que, em sua narrativa, encontramos a função humanizadora, a qual permite representar, cognitiva ou sugestivamente, a realidade social e também a fantasia. A respeito desta função humanizadora, Antonio Candido ressalta que

se fosse possível pensar nas palavras como tijolos de uma construção, esses tijolos representariam um modo de organização da matéria, sendo este o primeiro nível humanizador, pois, enquanto organização, exerceriam um papel ordenador sobre nossa mente, sentimentos e visões de mundo. Sendo a literatura o caos organizado em forma de palavras, esse carácter de coisa organizada organizaria nosso caos interior e nos humanizaria. De acordo com o crítico, “toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido” (CANDIDO, 198, p. 115).

Podemos dizer que a conjugação entre fantasia e realidade contida em *A bolsa amarela* constrói um mundo coerente, racional, e, simultaneamente, alimenta-se da fantasia e do imaginário de Lygia Bojunga. Desta forma, concilia a racionalidade da linguagem com a ficção, onde ao mesmo tempo em que rege a criação imaginária, não se afasta do contato com a realidade. Devido a esta característica ambivalente, a narrativa provoca um efeito também duplo no leitor: acciona sua imaginação e fantasia e desencadeia uma posição intelectual, na medida em que atua tanto no âmbito individual, como no social. No individual, transporta-o para um mundo que, por mais longe que esteja do cotidiano, leva-o a refletir e a enriquecer a sua vivência e a sua experiência. Já no âmbito social, permite que o leitor socialize a sua experiência de leitura, compartilhando-a com outros leitores, para a troca de ideias e opiniões.

Portanto, podemos dizer que os contos infanto-juvenis, entre eles *A bolsa amarela*, reconfiguram o mundo, e ainda, segundo Maria Antónia Jardim, “podem fazer-nos ter em conta o papel da imaginação e da dimensão afectiva da nossa vida [...], visto que [existe] uma dimensão prediscursiva e imaginativa que orienta as nossas escolhas” (JARDIM, 2003, p. 58).

A bolsa amarela, de Lygia Bojunga, é utilizada como dispositivo para o despertar e o contristar da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, pois de acordo com Paul Ricouer, na afirmação de Maria Antónia Jardim,

o acto de leitura contribui para uma dialéctica entre o mundo do texto e o texto do leitor e a compreensão de si mesmo [...] dado que a compreensão de si é a narrativa, pois compreender-se corresponderá à apropriação da história da nossa própria vida (JARDIM, 2003, p. 218).

Na obra *A bolsa amarela*, a autora conta com humor a história de Raquel, uma menina muito atenta a tudo o que em passa a seu redor.

Lembrando o enredo: Raquel é a filha mais jovem da família, portanto a única que ainda é criança. Uma diferença de dez anos a separa dos seus irmãos, por isto eles não lhe davam atenção. Eles consideram que as crianças não sabem grande coisa. Por se sentir muito só e oprimida, ela começa a escrever para os seus amigos, amigos imaginários, com os quais compartilhava três grandes desejos: ser um rapaz, crescer rapidamente e ser uma escritora.

Certo dia, Raquel ganhou uma bolsa amarela, que foi enviada num pacote oferecido pela tia Brunilda. E, desta forma, a bolsa passou a ser o refúgio ideal das suas invenções e das suas vontades. Tudo se acomodava lá dentro. A bolsa amarela acaba por ser a casa de dois galos, de um guarda-chuva-mulher, de um alfinete de segurança e de muitos pensamentos e histórias inventadas pela criança.

Raquel, através das suas histórias, conta-nos fatos do seu cotidiano, juntando o mundo real da família ao mundo criado pela sua imaginação, repleto de amigos secretos e de fantasias.

Ao mesmo tempo em que acontecem fatos reais e fantásticos, uma aventura espiritual se processa, e a protagonista vai de encontro à sua afirmação como pessoa, pois, no enredo, surge também a questão relacionada com o feminino e com a sua posição na sociedade, uma semelhança feita de estereótipos femininos. Logo na primeira página da narrativa de *A bolsa amarela*, a vontade da protagonista em ser um rapaz dá-nos o norte que seguidamente encontraremos ao longo do enredo. Essa vontade vem complementada de outros fortes desejos: a de crescer e deixar de ser criança, mas também o de ser uma escritora.

Mas, dos três desejos de Raquel, dois deles terão uma posição dominante e constante na narrativa de Bojunga: o de mulher/escritora e o da relação masculino/feminino. De fato, Raquel não se conforma em não poder desempenhar tarefas que só eram atribuídas aos rapazes, e deseja, assim, libertar-se de um arquétipo de procedimentos que lhe foram imputados:

se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – eu não te vejo – a gente fica esperando vocês decidirem (BOJUNGA, 1986, p. 16).

O discurso da protagonista vem ao encontro das preocupações e do debate das mulheres na década de 1970, quando o movimento hippie, tendo por ideal as ideias de Betty Friedan, luta pela igualdade entre as pessoas, qualquer que fosse a sua raça, sexo ou cor. No entanto, no final da história, “a vontade de ser um menino emagreceu tanto que foi embora”, o que prova que Raquel assumiu a sua identidade feminina e por isso, poderá crescer normalmente. Por outro lado também, a menina obtém, graças à escrita, a concretização que busca na vida real. O mundo da fantasia passa a ocupar um lugar importante na sua vida, pois a vontade de escrever é a única que prevalece, como podemos observar:

– E a tua vontade de crescer?

– Ah, essa eu não vou soltar. Mas, sabe? Ela agora não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar (BOJUNGA, 1986, p. 132).

Raquel reivindica, deste modo, o seu direito à escrita, e notamos que esta é também uma das questões levantadas pela escritora na narrativa. Naquela época, a mulher defrontava-se com a pesada herança do mito do escritor masculino. Em *Escritora, escritas, escrituras*, Norma Telles relata a dificuldade de a mulher passar de poetisa a escritora, uma vez que esta função era atribuída aos homens. A mulher, para se assumir como escritora, deveria “matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria que enfrentar a sombra, o lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência” (TELLES, 2000, p. 408).

A protagonista, ao mesmo tempo em que adquire a sua identidade feminina, acrescenta também o seu lado imaginativo e mostra que é possível ser mulher criadora, conseguindo libertar-se do papel insignificante destinado à mulher na escrita. Ainda neste contexto de identidade masculina/feminina existe outra personagem utilizada por Lygia Bojunga, em *A bolsa amarela*, para tratar este tema. De fato, o galo Afonso é o galo Afonso conotado com a visão masculina, expressa na questão seguinte: se as mulheres possuem realmente vontade de ser donas de si próprias, ou seja, se são capazes de viver o seu próprio destino:

então eu chamei minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas as noite e dia. Mas elas falaram. “Você é nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente.” Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir perguntar: “Eu posso?” E eu respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve você como você achar melhor”, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter dono mandado que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho (BOJUNGA, 1986, p. 35).

Esta problemática reflete, com alguma nitidez, o contexto social da época e o lugar da mulher que não tinha sido instruída para os novos desafios que lhe eram colocados. Em *A bolsa amarela*, “Rei” é o nome do galo que não quer mandar e “Terrível” é o galo-de-briga que quer a paz. Aqui vemos exemplos que se seguem por toda a narrativa de Bojunga, que (te) matiza as questões de busca por uma marca própria, a discussão de uma direção, a contestação dos papéis pré-estabelecidos, as injustiças cometidas contra os “diferentes”.

Conclusão

O domínio descritivo de Lygia Bojunga, o qual se manifesta a partir da infância, abrange temas adultos com os relatos de poder e rejeição e com a liberdade de manifestação em um contexto social. A autora dá argumentos ao leitor/criança para se identificar com as condições que dizem respeito às personagens infantis, criando-lhe uma identificação com os fatos, de forma a prender-lhe a atenção e despertar-lhe sua fantasia e curiosidade.

A bolsa amarela permite o enriquecimento da vida do pequeno leitor ao estimular-lhe a imaginação, pois, segundo Bettelheim (2006), para que uma história possa verdadeiramente prender a atenção do jovem leitor e para também lhe enriquecer a sua personalidade, tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizadas às suas angústias e às suas aspirações.

É a partir da história de Raquel, uma garota que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir as suas vontades, que se enquadra a oposição à estrutura familiar ancestral. E essa menina, afetiva e sonhadora, conta-nos o seu dia-a-dia, onde o mundo real e o mundo criado pela sua imaginação criativa, povoado de amigos ocultos e fantasistas, se interligam, ao mesmo tempo em que os fatos reais e os fantásticos cruzam-se numa aventura anímica e mais íntima. É Raquel que segue rumo à sua autoafirmação como pessoa.

Assim, *A bolsa amarela* prefigura e sugere uma postura de submissão da criança face às regras im-

postas pelos adultos. Raquel é de certa forma um brinquedo, objeto infantil nas mãos dos seus familiares; por isso, vai controlando os seus desejos dentro da bolsa. Nesse momento da narrativa, os pré-julgamentos contra as crianças e a mulher impostos pelos adultos vão sendo contraditos e questionados pela protagonista, evidenciando-se, através da sua leitura, que a imagem feminina se revela sob vários aspectos. A autora deixa à criança leitora a hipótese de construir a sua imagem e não pretende impor-lhe a possibilidade um único perfil.

A narrativa de Lygia Bojunga reveste-se, pois, de grande utilidade ao abrir pistas de reflexão sobre o papel do ser humano na sociedade, e apela a cada leitor para que tome consciência da sua identidade própria e para que escolha o caminho correto sem olhar as diferenças, sem preconceitos e sem discriminação.

Referências bibliográficas

BETTELHEIN, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand, 2006.

BOJUNGA, Lygia. *Dos vinte 1*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga Ltda., 2007.

_____. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga Ltda., 2006.

_____. *Aula de inglês*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga Ltda., 2006.

_____. *Retratos de Carolina*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga Ltda., 2002.

_____. *A cama*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

_____. *O Rio e eu*. São Paulo: Salamandra, 1999.

_____. *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

_____. *O abraço*. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

_____. *Seis vezes Lucas*. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

_____. *Paisagem*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

_____. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

_____. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*. Rio de Janeiro: AGIR, 1988.

_____. *Nós três*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

_____. *O meu amigo pintor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

_____. *Tchau*. São Paulo: Agir, 1984.

_____. *O sofá estampado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. *Corda bamba*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

_____. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

_____. *Angélica*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

_____. *Os colegas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Direitos humanos e literatura”. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. *Direitos humanos e...* São Paulo: Brasiliense, 1989.

HELD, Jacqueline. *O imaginário do poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Sumus, 1980.

JARDIM, Maria Antónia. *Da hermenêutica à ética em Paul Ricoeur*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

MACHADO, Ana Maria. *Jornal do Brasil*, 2004.

TELLES, Norma. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

Recebido em 25 de setembro de 2009

Aprovado em 18 de outubro de 2009